

A VARIAÇÃO ENTRE A FORMA NOMINAL GERÚNDIO E INFINITIVO GERUNDIVO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA-ANGOLA

Abimael Ferreira dos Santos¹
Silvana Silva de Farias Araújo²

RESUMO

Com o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Labov 2008[1972]), pesquisa-se a variação no uso do gerúndio e infinitivo gerundivo, com dados orais do português de Luanda (PL). Objetiva-se contribuir para o entendimento acerca da natureza do português de variedades africanas. Os resultados mostram que há um uso mais frequente do infinitivo gerundivo entre os falantes entrevistados, isto é, o verbo auxiliar + preposição *a* + infinitivo é amplamente utilizado, e é favorecido, principalmente, pelo fator do gênero feminino. Os resultados são analisados qualitativa e quantitativamente em tempo real de curta duração. Os dados foram levantados na fala de 04 informantes, em entrevistas sociolinguísticas pertencentes ao acervo do projeto “Em busca das raízes do português brasileiro”, sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana. Nesse sentido, buscando contribuir para os estudos sobre a formação da realidade sociolinguística brasileira, acredita-se que é importante a realização de estudos que se centrem em dados coletados em outros continentes que não apenas o europeu – como propôs Petter (2007) –, pois, assim, torna-se possível a comparação entre a variedade brasileira e as variedades africanas do português, ampliando-se o debate sobre a influência do contato linguístico na formação dessas variedades e a discussão sobre a atuação de fatores linguísticos e socioculturais em fenômenos linguísticos variáveis.

Palavras-chave: Português luandense. Português brasileiro. Contato linguístico. Gerúndio. Infinitivo gerundivo.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, aborda-se a variação entre a forma nominal gerúndio e infinitivo gerundivo através de dados orais do português falado em Luanda (PL). O estudo é baseado nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista laboviana (LABOV, 1994). Antes, contudo, de examinar fenômeno, pretende-se destacar outros estudos já

¹ Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, abimael.padro19@gmail.com;

² Doutora em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia - UFBA, silvana.uefs.2014@gmail.com;

realizados no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE), a exemplo do trabalho desenvolvido por Mothé (2014), a fim de evidenciar semelhanças e diferenças entre essas comunidades de fala: PL, PB e PE.

Investiga-se, aqui, a forma contínua do verbo em língua portuguesa, o gerúndio, isto é, um processo verbal não finalizado. O verbo no gerúndio é composto pela raiz do verbo + *ndo*, exemplo: Falar = *fal* + *ndo* = *falando*. Além disso, tratarei, também, da forma infinitiva em equivalência funcional, denominada infinitivo gerundivo (*a* + *infinitivo*). Para melhor elucidar o que foi dito, exemplifico as construções verbais a seguir:

1. “*Eu estou **conversando** com você.*” (gerúndio)

x

2. “*Eu estou **a conversar** com você.*” (infinitivo gerundivo)

A temática da variação gerúndio *versus* infinitivo gerundivo já vem sendo analisada há bastante tempo com dados do português brasileiro (PB) e do europeu (PE), conforme atestam os trabalhos citados neste texto. No que concerne ao português falado em outras variedades transcontinentais, a exemplo das variedades africanas, percebe-se que ainda há uma carência de pesquisas. Nesse sentido, este estudo contribui para sanar essa lacuna, trazendo aspectos do português falado em Luanda, capital e maior cidade de Angola.

Segundo Tarallo (1986, p.64), “[...] a estrutura de uma língua somente será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração”. Corroborando com Tarallo, e tendo conhecimento do contato linguístico que houve entre ambos os países, faz-se necessário estudar a participação das línguas africanas nas variedades do português falado em Angola e também na constituição do PB.

Nesse sentido, para o processo de reconstrução da sócio-história linguística de Luanda, é necessário levar em conta o multilinguismo na difusão da língua portuguesa no país, considerando cada área geográfica e o processo de escolarização do povo

luandense, incluindo a face culta e a face popular. Desta forma, os *corpora* linguísticos têm especial valor porque podem apresentar indícios para o estudo da realidade linguística do português falado em Angola (PA).

Os estudos apresentados por Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) sustentam a hipótese, da qual compartilha-se aqui, de que o processo de transmissão linguística irregular desencadeado pela aquisição do português como L2 pelos africanos, que produziram parte do *input* para os que passaram a adquirir o português como L1, tenha levado à transferência de padrões comuns às línguas africanas para variedades do português brasileiro. Desta forma, comunga-se da hipótese no que diz respeito ao português angolano, mais especificamente luandense.

A partir desta introdução, o artigo está estruturado da seguinte forma: na seção 1, apresenta-se uma revisão da literatura com ênfase na comparação entre o PB e o PE, no que tange ao uso do gerúndio e do infinitivo gerundivo. Em seguida, na seção 2, aborda-se sobre os aspectos metodológicos e a comunidade de fala e apresenta-se a descrição variacionista dos resultados alcançados, fazendo-se uma discussão das construções das formas perifrásticas em diferentes contextos linguísticos no falar luandense. Por fim, são apresentadas as principais conclusões.

METODOLOGIA

A sociolinguística busca compreender, a partir da observação, o comportamento linguístico humano. A pesquisa é feita através de registros da fala de indivíduos que pertencem a uma determinada comunidade de fala para que se investigue a variável linguística em foco. Esse modelo teórico abarca uma metodologia específica a ser empregada, com a finalidade de sistematizar um fenômeno linguístico.

De acordo com Tarallo (1986), para se realizar uma pesquisa desse nível há que se escolher o tema para estudo, delimitando-o. O pesquisador-sociolinguista tem que primeiro detalhar o seu objeto de estudo, buscar subsídios em trabalhos já realizados para saber o perfil das variantes, em que ambiente ocorre a variação e os possíveis condicionadores linguísticos.

Após a escolha do seu objeto de estudo, o pesquisador-sociolinguista, conforme mencionado alhures, organiza seus informantes a partir de grupos de fatores considerados externos à língua que correspondem às suas hipóteses. É possível citar como exemplo: nível de escolaridade, faixa etária, localidade, sexo/gênero, nível socioeconômico etc. É necessário informar-se sobre a comunidade, sua história e sua formação. Neste trabalho não haverá um controle quantitativo, mas apenas uma descrição das ocorrências, considerando-se que se trata de um estudo piloto.

Por questões éticas, o informante deve ser avisado e o documentador precisa deixá-lo muito à vontade para responder às perguntas, procurando sempre situações naturais de comunicação, a exemplo de narrativas de situações bem pessoais e evitando falar a palavra “língua”. Após a gravação da entrevista, a próxima etapa é a transcrição de toda a entrevista, logo após, é necessário buscar os dados a serem analisados na pesquisa - momento de identificar as variantes do estudo - e verificar quantitativamente os fatores que influenciam/condicionam a variação. De modo geral, essas são as principais informações para a abordagem metodológica da sociolinguística.

O presente estudo sedimenta-se em dados de fala espontânea gravados em Luanda por voluntários nativos da cidade, com duração de aproximadamente 45 a 60 minutos, de acordo com as técnicas de pesquisa sociolinguística propostas por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) e Labov (2008[1972]), com o fito de captar o máximo possível o registro da língua vernácula. Objetiva-se levantar dados a partir de quatro (04)³ entrevistas coletadas em Luanda-Angola, diante dos processos de uso do gerúndio e infinitivo gerundivo nas comunidades de fala no português contemporâneo, visto que as entrevistas foram realizadas/gravadas de 2008 a 2013 em Luanda-Angola.

Os *corpora* utilizados partem do projeto “Em Busca das raízes do português brasileiro: estudos morfossintáticos” que atualmente é coordenado pela professora Doutora Silvana Silva de Farias Araújo, sediado no Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana (NELP/UEFS). Para a realização das entrevistas houve a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UEFS). O número do parecer favorável à sua realização é 140.511. As entrevistas aqui escolhidas foram coletadas com notável qualidade técnica e já serviram

³ o projeto maior, de dissertação, do qual este estudo faz parte, utiliza-se de 24 entrevistas.

ao desenvolvimento de numerosos trabalhos. Ante o exposto pretende-se descrever e apresentar os resultados sobre o português falado em Luanda por informantes com pouca e alta escolaridades.

REFERENCIAL TEÓRICO

Celso Cunha (1986) elenca uma série de fenômenos linguísticos com características inovadoras no que tange ao Brasil. Ao passo que Portugal, nessa mesma esfera de estudo, é tido como mais conservador. Por outro lado, o autor também apresenta vários casos em que o Brasil tende à conservação e Portugal, por outro lado, à inovação. Dentre os fenômenos listados, como sinal de conservação no Português Brasileiro está o uso do gerúndio; desta forma, neste objeto de estudo, Portugal proporciona maior característica de inovação. O autor aduz que, enquanto os brasileiros continuaram usando a forma clássica e mais antiga no idioma (o gerúndio), os portugueses a foram, morosamente, substituindo pela construção “a + infinitivo”:

Têm certamente maior expansão alguns fatos conservadores de morfossintaxe, como: a) a perífrase formada por *estar* (*andar, viver, etc.*) + gerúndio, que, em Portugal, desde o século XVIII, vem sendo progressivamente substituída por outra, constituída de *estar* (*andar, viver, etc.*) + infinitivo antecedido da preposição *a*.

[...]

A construção *estar* (*andar, etc.*) + gerúndio, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma e ainda tem vitalidade em dialetos centro-meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve), nos Açores e nos países africanos de língua oficial portuguesa. (CUNHA, 1986, p. 206 e 221)

A construção do infinitivo gerundivo está presente na Língua Portuguesa desde muito cedo, como já afirmava Barbosa (1999): “Vale ressaltar que o registro do infinitivo gerundivo, apesar de raro, remonta à fase arcaica da língua portuguesa”. Mas, apesar disso, o gerúndio ainda aparecia como a forma preferida nos textos literários até meados do século XIX, ao menos segundo Maler (1972) e Menon (2004).

Lipski (2008) defende a tese de que o infinitivo gerundivo, apesar de presente na língua desde o início de sua história, teria se tornado o preferido nos *pidgins*⁴ formados a partir da união do português com línguas africanas do século XVI em diante. Tal expansão teria sido desencadeada por um termo que é definido como “partícula aspectual” seguida de infinitivo e existente em quase todos os crioulos de base portuguesa e espanhola (exceto nos crioulos de São Tomé e Príncipe, de acordo com o mesmo texto). O autor assevera que a origem dessa construção seja justamente o infinitivo gerundivo perifrástico, formado pelo verbo auxiliar *estar*.

Além disso, a partir do século XIX, a construção começa a tomar maior destaque, mesmo em textos literários. Menon (2004) apresentou, ao analisar obras literárias portuguesas do século XVI ao século XX, que, nessas obras, o infinitivo gerundivo teria começado a aparecer de forma significativa no final do século XIX.

Qualquer falante de Língua Portuguesa hoje com algum conhecimento mínimo sobre diferenças entre as duas variantes, PB e PE, é capaz de sinalizar, a partir do senso comum, que, atualmente, Portugal emprega mais o infinitivo gerundivo, ao passo que o Brasil, o gerúndio, em vários contextos de uso. Apesar disso, não há numerosos trabalhos na área de Sociolinguística Histórica a respeito dessa variação entre as duas formas gerundivas. A partir dessa observação, insta salientar que Mothé (2007) investiga o fenômeno em um corpus formado por anúncios, editoriais e notícias dos séculos XIX e XX de jornais brasileiros e portugueses (o corpus do Projeto VARPORT (BRANDÃO; MOTA, 2002)). Segundo os resultados da referida pesquisa, o uso de infinitivo gerundivo teria avançado naquele corpus do Português Europeu somente a partir do segundo quartel do século XX, por volta de 1925.

Portanto, é mister entender que todas as pesquisas citadas até aqui (MALER, 1972; BARBOSA, 1999; MENON, 2004; MOTHÉ, 2007; 2014; LIPSKI, 2008) parecem indicar que a mudança em Portugal, ou seja, o fato de o infinitivo gerundivo passar a ser o preferido no PE em detrimento do gerúndio, – ao menos no que tange aos textos escritos desses diferentes gêneros textuais citados – é mais recente do que se imaginava e teria se

⁴ **Pidgin** ou língua de contato é uma palavra de origem inglesa que designa qualquer língua criada, normalmente de forma espontânea, a partir da mistura de duas ou mais línguas e que serve de meio de comunicação entre os falantes dessas línguas.

desencadeado de maneira mais significativa a partir do século XIX e mais intensamente ao longo do XX.

Mothé (2014) afirma, em sua tese de doutoramento, a preferência ao emprego do infinitivo gerundivo em detrimento do gerúndio em diversos contextos em um estágio mais avançado em Portugal do que se costuma pensar, a tal ponto que, provavelmente, até o fim do século XX, já teria alcançado regiões antes consideradas conservadoras quanto ao uso do gerúndio, tais como o Alentejo e o Algarve, em Portugal Continental, e a região autónoma dos Açores.

Maler (1972 *apud* MOTHÉ, 2014) constatou, por textos de peças teatrais portuguesas do século XVIII, que o uso do infinitivo gerundivo era evidente em 10% da totalidade dos textos aludidos. Barbosa (1999) destacou, em parte de sua pesquisa de doutoramento, resultado semelhante ao de Maler sobre o uso do infinitivo gerundivo através de cartas de comércio escritas por portugueses do século XVIII. Além disso, Mothé (2014, p. 374) conclui:

Com isso, pode-se dizer que o padrão da variação gerúndio x infinitivo gerundivo nas notícias de jornais portugueses do século XX apresenta três fases: de 1901 a 1930; de 1931 a 1960; e de 1961 a 2000. Nessa última fase do século XX, chega a haver uso categórico de infinitivo gerundivo em alguns recortes de dados realizados. Esse resultado confirma nossa hipótese diacrônica, segundo a qual o avanço do infinitivo gerundivo no PE teria sido gradual ao longo do século XX.

É possível afirmar, a partir das considerações de Mothé (2014), que o infinitivo gerundivo tem ganhado força no português europeu, sendo assim, tais influências linguísticas podem trazer respostas para as hipóteses estabelecidas neste trabalho, através do pressuposto que: o infinitivo gerundivo mostra-se como a forma inovadora no português europeu, enquanto que, no português brasileiro, evidencia-se a forma conservadora. Desta forma, a proposta de estudo acerca do presente fenômeno busca, primordialmente, compreender e caracterizar a realidade sociolinguística e histórica do território Luandense. Mas, para uma melhor compreensão, importa destacar a teoria adotada nessa pesquisa. Nas próximas seções serão destacados os principais conceitos e abordagens da sociolinguística, ao estabelecer os principais critérios que caracterizam a mudança linguística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Geralmente, julga-se que os mais jovens usam mais a forma considerada inovadora não padrão, enquanto que os mais velhos usam mais a forma conservadora padrão. Tal afirmação, obviamente, não pode ser tomada como geral, tendo em vista que os estudos sociolinguísticos devem partir da consideração das particularidades que envolvem o fenômeno em análise, além das particularidades da comunidade de fala. Por conseguinte, é preciso ter em conta que nem sempre “inovar” é sinônimo de “afastar-se da norma padrão. Desta forma, não há uma forma padrão ou não padrão no fenômeno estudado aqui, mas procura-se destacar qual a forma nominal mais utilizada pelos falantes, a conservadora (gerúndio) ou inovadora (infinitivo gerundivo).

A partir do levantamento de dados nas quatro (04) entrevistas, apenas foram encontrados 15 dados em que o uso do gerúndio foi preferível pelos falantes, principalmente pelos do sexo masculino, como observa-se nos exemplos (01) e (02). No que tange aos dados da forma infinitiva gerundiva, fez-se o levantamento de 33 dados. Além disso, a forma perifrástica mostrou-se com um uso majoritário entre o público feminino, o que pode sustentar a hipótese que as mulheres tendem a ser mais inovadoras nesse quesito e a utilizarem a forma infinitiva gerundiva, consoante se verifica em (03) e (04):

(01) [...] só **fomos caminhando** e fui parar lá, fiquei lá um ano e quatro meses e gostei muito daquele povo. (Informante A: sexo masculino; faixa II; alta escolaridade; falante do Quimbundo como L1; natural do interior de Luanda)

(02) [...] **tavam falando** esse assunto, assim...com tanta é...firmeza. (Informante B: sexo masculino; faixa I; alta escolaridade; falante do Quimbundo como L1; natural da capital, Luanda)

(03) [...] **ficavam a atirar** a bola, se a bola chegasse na parte do meio, essa pessoa tinha que sair. (Informante C: sexo feminino; faixa I; alta escolaridade; falante do Português como L1; natural da capital, Luanda)

(04) [...] fico aí na cama **a ler a bíblia, fazer** uma oração. (Informante D: sexo feminino; faixa II; escolaridade baixa; falante do Português como L1; natural da capital, Luanda)

De acordo com os trechos das entrevistas supramencionadas, é notório o uso do gerúndio, não em sua totalidade, mas em um número reduzido das aqui aventadas construções oracionais. Mesmo que a intenção aqui não seja necessariamente observar os fatores que condicionam a variação, é perceptível que, mesmo com diferentes faixas etárias, os falantes utilizam a forma nominal gerúndio. A partir da interpretação dos resultados expostos, já é possível presumir que os verbos terminados em *ndo* são, na maior parte, utilizados por falantes do sexo masculino (01 e 02) em comparação com falantes do sexo feminino (03 e 04).

Apesar de os homens utilizarem o gerúndio em alguns momentos, constata-se, na maior parte das entrevistas, que a forma perifrástica ainda é mais constante, ou seja, há uma frequência maior no uso do infinitivo gerundivo; o que elucida a afirmação abaixo discriminada:

(05) [...] **estou a fazer** Administração... de Empresa, Administração e Gestão de Empresa. (Informante A: sexo masculino; faixa II; alta escolaridade; falante do Quimbundo como L1; natural do interior de Luanda)

(06) [...] tavam assim **a discutir**: olha...o amor não tem idade. (Informante B: sexo masculino; faixa I; alta escolaridade; falante do Quimbundo como L1; natural da capital, Luanda)

Da análise dos dados levantadas acima, impescide considerar que é mais comum o uso do infinitivo gerundivo dentro do português luandense. É importante lembrar que as considerações são feitas a partir das perspectivas do *corpus*. Conforme anteriormente analisado, houve um menor número de ocorrências do uso do gerúndio

dentro do *corpus* estudado, caracteriza-se como majoritário, nesta comunidade, o uso do verbo auxiliar + preposição *a* + infinitivo. O verbo da segunda posição é, na maioria das estruturas, o verbo ESTAR, funcionando como auxiliar. Vale ressaltar também a preferência pelo uso do infinitivo tanto na norma culta quanto na popular, bem como nas diferentes faixas etárias:

(07) [...] e que ninguém podia se aperceber que esta pessoa **está a vir** me trazer o recado e prontos. (Informante D: sexo feminino; faixa II; escolaridade baixa; falante do Português como L1; natural da capital, Luanda)

(08) [...] pôs-me **a chorar**. (Informante C: sexo feminino; faixa I; alta escolaridade; falante do Português como L1; natural da capital, Luanda)

Conforme as entrevistas, é possível destacar o uso em ambas escolaridades (alta e baixa), além do uso nas diferentes faixas etárias (I e II), pois independente do grupo de fatores, o uso do infinitivo gerundivo demonstrou preferência entre os falantes. Seguindo esse raciocínio, acredita-se que, influenciados por fatores linguísticos e estilísticos, os falantes optam pela forma “estou a chorar”, por exemplo, na maior parte das entrevistas. Nesse sentido, o controle da variável escolaridade revelou um comportamento igualitário em ambas circunstâncias.

A partir das observações dos dados expostos, pode-se observar uma diferença entre o PB e o PL, em relação a este fenômeno. Os Luandenses, então, fizeram sua opção, ao atender à máxima proposta pelo primeiro gramático eminentemente descritivista da língua portuguesa, Fernão de Oliveira, que em 1536 já preconizava que “Os homens fazem a língua, não a língua, os homens”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal estender a análise da variação do gerúndio e do infinitivo gerundivo, ao considerar também a língua portuguesa de variedades africanas, especificamente o português falado em Luanda-Angola. Destaca-

se, inicialmente, que a substituição do gerúndio por o infinitivo gerundivo ocorreu, de forma categórica no português europeu, ao final do século XX, segundo Mothé (2014). Permanece essa inovação no português europeu, e a conservação na variedade brasileira, é perceptível que a realidade linguística do português luandense permanece em formação.

De acordo com os resultados discutidos no tópico acima e ao fim dessa pesquisa, verifica-se, a partir de uma visão geral, quais as formas mais presentes no português luandense relacionadas ao gerúndio. Certifica-se, portanto, que formas verbais, conceituadas nesse estudo como variantes linguísticas, seja com gerúndio ou não, expressam uma atitude particular do falante. No que diz respeito ao gerúndio, foram encontrados poucos registros no *corpus* analisado. Afirma-se, dessa forma, o uso majoritário da forma infinitiva gerundiva, que caracteriza uma convergência ao PE e divergência ao PB. Da discussão proposta, pode-se depreender que: a) a forma perifrástica é a mais frequente nas entrevistas analisadas; b) o verbo da segunda posição é, na maioria das estruturas, o verbo ESTAR, funcionando como auxiliar; c) o português luandense está em processo de formação. Vê-se, portanto, respondido o objetivo geral deste trabalho: conhecer aspectos do uso do gerúndio em Luanda e contribuir para as pesquisas na área da Linguística.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. **O uso variável da concordância verbal no português do Brasil (PB) e no português de Angola (PA):** a história externa em foco. In: Colóquio da Lusofonia, 13., e Encontro Açoriano, 5., 2010, Florianópolis. Atas do... Florianópolis, 2010.

BARBOSA, Afranio Gonçalves. **Para uma História do Português Colonial:** Aspectos Linguísticos em Cartas de Comércio. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1999.

CUNHA, Celso. **Conservação e Inovação no Português do Brasil.** In: O Eixo e a Roda: revista da literatura brasileira. 5 v. Belo Horizonte: Publicação do Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1986. p. 199-232.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica:** uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.

INVERNO, Liliana. Português vernáculo do Brasil e Português vernáculo de Angola: reestruturação parcial vs. mudança linguística. In: FERNÁNDEZ, Mauro; FERNÁNDEZFERREIRO, Manuel; VÁZQUEZ VEIGA, Nancy (Ed.). **Los Criollos de base ibérica: ACBLPE. Madrid:** Iberoamericana/Frankfurt am Main: Vervuert, 2004. p. 201-213.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. London, New York: Basil Blackwell, 1994. v. 1.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIPSKI, John M. **Os primeiros contatos afro-portugueses: implicações para a expansão da língua**. The Pennsylvania State University. Disponível em: <<http://www.personal.psu.edu/jml34/contatos.pdf>>. 2008. Acesso em: 04 de julho de 2020.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. **D.E.L.T.A.** – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 17, n. 1, 2001, p. 97-132.

LUCCHESI, Dante. **O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil**. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro, 2003.

LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., (orgs). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, 576 p. ISBN 978-85-232-0875-2. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org/>.

MALER, Bertil. **L’infinitif gérondival portugais: quelques notes sur la propagation**. In: *Studier i modern språkvetenskap (New Series)*. [Stockholm Studies in Modern Philology. 4 v]. Stockholm: Stockholms Universitet. Sep., 1972. p. 250-268.

MENON, Odete Pereira da Silva. **Gerundismo?**. In: *Lingua(gem)*. v. 1. n° 2. Macapá: ILAPEC, 2004. p. 191-236.

MINGAS, Amélia Arlete. **Interferência do kimbundo no português falado em Luanda**. Luanda: Caxinde, 2000.

MOTHÉ, Nubia Graciella Mendes. **Variação e mudança aquém e além mar: gerúndio versus infinitivo gerundivo no Português dos séculos XIX e XX**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2007.

MOTHÉ, Nubia Graciella Mendes. **Notícias de além-mar: variação e mudança no uso de infinitivo gerundivo no português europeu ao longo do século XX**. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 2014.

PETTER, Margarida. **Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas**. In: *Papia*, Brasília, v. 17, n. 1, p. 09-19, 2007.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRA, Eliana S. Pitombo; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. **A indeterminação do sujeito no português angolano: uma comparação com o português do Brasil**. *Papia*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 99-111, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo, Parábola Editorial, 2006 [1968]).